

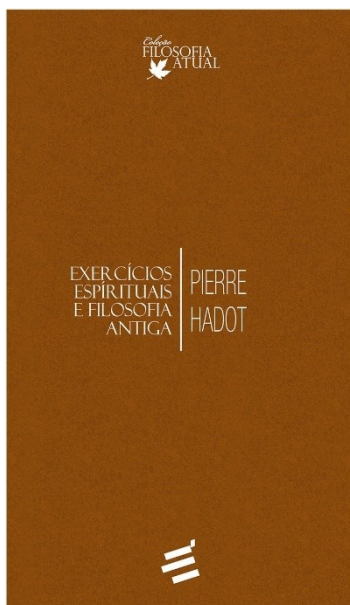
Resenha

**Exercícios espirituais e filosofia antiga**

Lorrayne Bezerra Vasconcelos Colares  
Universidade de Brasília  
[lorrayne.colares@hotmail.com](mailto:lorrayne.colares@hotmail.com)  
<http://lattes.cnpq.br/6038035271225390>

HADOT, Pierre. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. Tradução de Flávio Fontenelle Loque e Loraine de Fátima Oliveira. São Paulo: É Realizações Editora, 2014. 368p.

- [Acessar o site da Editora](#) • [Acessar um trecho da obra](#) •



A obra de Pierre Hadot chega até nós, leitores da língua portuguesa, em mais um exemplar inédito, graças a tradução de Flávio F. Loque e Loraine Oliveira. O presente livro, *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga* (do original, em francês, *Exercices Spirituels et Philosophie Antique*), é uma coletânea de inúmeros ensaios, artigos, conferências e comunicações, publicada por Pierre Hadot em 1993, e ampliada em 2002 em sua segunda edição. A obra é composta por sete partes que tratam de temas aparentemente distintos entre si, tais como as análises das figuras de Sócrates e Marco Aurélio, passando por discussões sobre o cristianismo e chegando até o diálogo com autores contemporâneos, como Foucault. Apresentamos como seu eixo norteador a tese que se destaca na obra do autor a respeito da história da filosofia antiga, mas que também marca sua leitura de alguns autores modernos e contemporâneos, a dizer, a tese da filosofia como modo de vida e prática de exercícios espirituais, que

é caracterizada em todas as suas perspectivas. Para Hadot, a importância do estudo dos exercícios espirituais da Antiguidade é tal que seu objetivo, sobretudo, é o “de especificar todo o alcance e a importância desse fenômeno e mostrar as consequências que dele decorrem para a compreensão do pensamento antigo e da própria filosofia” (Hadot, 2014, p. 21).

Nos *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga*, Hadot nos revela sua trajetória de pensamento, as preocupações que o levaram a formular sua principal tese e os motivos pelos quais certos filósofos impregnaram seu pensamento. Para ele, o ponto de partida que motiva suas reflexões a respeito da filosofia como modo de vida na Antiguidade greco-romana é o problema, das aparentes incoerências, falta de rigor e até mesmo contradições, apontado por diversos historiadores da filosofia antiga, coetâneos dele. Segundo Hadot, tais críticas lhe causam espanto, pois apesar de uma extrema aparente dificuldade em seguir o fio das ideias de pensadores

antigos, tais como Agostinho, Plotino, Aristóteles, Platão, entre outros, em suas leituras constata uma universalidade e constância característica desses mesmos textos. Para o autor, tal interpretação deve-se ao fato daqueles historiadores considerarem mais os elementos proposicionais do que o contexto vivo e existencial, ou seja, do que a *práxis* concreta da filosofia antiga. Hadot propõe, então, uma releitura da história da filosofia dos gregos e romanos que leve sempre em consideração que o objetivo de seus discursos era mais psicagógico, ou seja, era mais formador de almas do que possuidor de qualquer pretensão sistemática, no sentido moderno da palavra. Segundo o autor, é preciso compreender que para os antigos “uma frase ou uma palavra ou um desenvolvimento não eram destinados, prioritariamente, a transmitir uma informação, mas a produzir um certo efeito psíquico no leitor ou no ouvinte” (Hadot, 2014, p. 335).

Além disso, seus pares à época, de modo geral, não consideram também o fato de que na Antiguidade discurso e vida filosófica se distinguem, mas andam de par: o modo de vida filosófico engloba o discurso, que por sua vez é também exercício espiritual, e ambos são inseparáveis para a compreensão do filosofar antigo enquanto conversão ao modo de vida de uma escola e aceitação de seus dogmas. Ou seja, para Hadot, a Antiguidade distinguia claramente a existência de uma vida filosófica, a dizer, uma filosofia vivida e praticada, da existência de um discurso filosófico que serve tanto para justificar e moldar essa escolha de vida. Por exemplo, no capítulo dedicado a análise da figura de Sócrates, Hadot apresenta que o objetivo o questionamento do discurso socrático leva seu interlocutor a “um questionamento do indivíduo, que deve decidir se tomará ou não a resolução de viver segundo a consciência e a razão” (2014, p. 104) e assim Sócrates convida seu interlocutor a viver a justiça.

Para o autor, as teorias e dogmas de cada escola filosófica estavam a serviço da vida filosófica. O próprio discurso era também um exercício espiritual que visava transformar a maneira de ser do indivíduo ao fornecer princípios e máximas fortemente ligados, que, em alguns casos, como claramente no do epicurismo, podiam apresentar certa sistematização, mas com fins persuasivos ou mnemotécnicos. Outro exemplo deste fenômeno é o fato de que os estoicos separavam o ensino teórico da filosofia em teoria da física, teoria da lógica e teoria da ética (ambas na esfera do discurso) do que seria a prática da física, da lógica e da ética (ambas na esfera do modo de vida). Tal separação era de ordem pedagógica e ocorria apenas no âmbito do discurso, pois não se divide o modo de vida filosófico, ele é um ato único que consistiria em *viver* tanto a lógica (pensar e falar bem), quanto a física (contemplar o cosmos e colocar-se na perspectiva da totalidade) e a ética (agir de maneira reta e justa).

Hadot também questiona a partir de que momento histórico a filosofia deixou de ser compreendida como modo de vida e passou a ser considerada um discurso teórico e abstrato. Sua resposta se concentra no predomínio do cristianismo e, sobretudo, na criação das universidades durante a Idade Média. Para o autor, o cristianismo se apresenta como a filosofia completa, como o modo de vida em conformidade à lei do Logos divino, e sendo assim assimila tanto aspectos teóricos quanto exercícios espirituais da tradição dos antigos greco-romanos, além de tê-la modificado para se adequar aos seus dogmas. Ademais, a criação das universidades na Idade Média opera uma subordinação da filosofia em relação à teologia. Decorrente desse acontecimento, a filosofia passa a ser vista como serva da teologia, sendo que seu objetivo para ser o de apenas lhe fornecer material conceitual, lógico, físico ou metafísico. Consequentemente, ela é separada de seus exercícios espirituais que, todavia permanecem na prática do cristianismo.

À crítica das consequências da absorção dos exercícios espirituais pelo cristianismo e subordinação da filosofia à teologia na Idade Média, soma-se também toda uma reflexão sobre o papel e o estatuto da filosofia e do filósofo atualmente. Assim, Hadot alia-se a Thoreau ao afirmar que hoje temos professores de filosofia, mas não filósofos. Isso se dá devido ao fato de que desde a criação da instituição universitária a preocupação não é mais nem psicagógica e nem formativa, ela não visa transformar o indivíduo, como na Antiguidade. A partir desse fato histórico, professores passam a informar professores e especialistas passam a informar especialistas. Deixa de existir a prática de formação de indivíduos que querem se tornar melhores e, por isso mesmo, buscam se filiar a uma escola e aprender seus dogmas. Segundo Hadot, já a própria filosofia universitária moderna já “não é mais, evidentemente, uma maneira de viver, um gênero de vida, a menos que seja o gênero de vida do professor de Filosofia” (2014, p. 269).

Enquanto discurso teórico e abstrato, uma filosofia que não pode ser vivida e está desassociada dos exercícios espirituais não mais possui a capacidade de conduzir o indivíduo aos dois principais movimentos de tomada de consciência de si característicos da Antiguidade: a concentração e a dilatação do eu. Ato este que, para Hadot, é essencialmente ético. Esses exercícios têm como objetivo uma transformação da visão de mundo, uma metamorfose da personalidade e do comportamento de quem os pratica; visam o aperfeiçoamento e a realização de si. Os exercícios espirituais, é preciso ressaltar, não são acúmulos de discursos e ensinamentos abstratos, eles precisam se tornar natureza e vida no sujeito, ou seja, durante o esforço sempre renovado do indivíduo, o seu eu precisa se metamorfosear. Segundo Hadot:

A própria filosofia permaneceu sempre essencialmente um ato de conversão. É possível acompanhar as formas de que esse ato se reveste ao longo da história da filosofia, reconhecê-lo, por exemplo, no *cogito* cartesiano, no *amor intellectualis* de Espinosa ou ainda na intuição bergsoniana da duração. Sob essas formas, a conversão filosófica é desenraizamento e ruptura com relação ao cotidiano, ao familiar, à atitude falsamente ‘natural’ do senso comum; ela é retorno ao original e ao originário, ao autêntico, à interioridade, ao essencial; ela é recomeço absoluto, novo ponto de partida que transmuta o passado e o futuro. Esses mesmos traços se reencontram na filosofia contemporânea, notadamente na redução fenomenológica que propuseram, cada um à sua maneira, Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty. Sob qualquer aspecto com que ela se apresente, a conversão filosófica é acesso à liberdade interior, a uma nova percepção do mundo, à existência autêntica (Hadot, 2014, p. 212).

Sendo assim, o autor apresenta o ato da conversão filosófica como positivo, justamente por conceder autenticidade, consciência e paz, além de possibilitar a transformação da visão e o jeito de ser no mundo do indivíduo, e é exatamente por isso que a filosofia antiga deve ser compreendida como uma ascese e terapêutica das paixões, sendo que as escolas se diferenciam pelos seus diversos métodos terapêuticos.

Porém, Hadot aponta uma espécie de resistência à teoria desvinculada da vida, da parte de pensadores tais como Montaigne, Descartes, Espinosa, Michelet, Kant, Nietzsche, Schopenhauer, Wittgenstein, Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty, Bergson e Foucault, que mantêm viva, em certos aspectos, a tradição existencial dos exercícios espirituais e do modo de vida na história da filosofia. Por esse motivo, o autor defende uma possibilidade de revivermos esses exercícios espirituais hoje. Com efeito, eles não precisam estar necessariamente ligados aos discursos teóricos de suas épocas. Existem socratismos, platonismos, estoicismos, epicurismos,

pirronismos universais. Ou seja, esses são atitudes sempre possíveis, sempre abertas e consistem em uma ascese e terapêutica através da prática de exercícios que levam a uma gradativa transformação de si. Hadot se filia, assim, a uma tradição “ética” existencial, enquanto uma espécie de perfeccionismo. Isto é, à ideia de buscar o melhor de si, à busca de um estado ou nível superior do eu. A vantagem do perfeccionismo, para Hadot, é a de que esta de pode ser considerada uma forma de ética, uma questão moral, mas também “possui a vantagem de implicar todos os tipos de noção que não são propriamente éticas” (2014, p. 344), a dizer, implica também as noções existenciais.

Pierre Hadot nos propõe, sobretudo, a possibilidade do indivíduo contemporâneo viver, não a sabedoria, mas um exercício da sabedoria, enquanto um esforço de ultrapassar-se a si mesmo. É preciso que o filósofo e o sujeito moderno, que se distanciaram do mundo, aprendam com os antigos a se situarem novamente na perspectiva do universo, do cósmico, da totalidade e que a sabedoria volte a ser a norma transcendente que dirija a nossa ação, pois o próprio modelo de filosofia antiga é, para ele, sempre atual. Sendo assim, seu livro possui camadas de leituras que servem tanto para apresentar a obra de Pierre Hadot a novos leitores, devido a sua escrita de fácil compreensão; quanto para aqueles que querem aprofundar-se na leitura sobre os antigos e sobre a absorção e transformação da filosofia pelo cristianismo durante a Idade Média; e, ainda, para aqueles que buscam refletir sobre esta chave interpretativa dos exercícios espirituais e do modo de vida na história da filosofia.